

formas e outros gêneros poéticos. O poema que muitas e muitas vezes lhe possibilita retirar do prosaico conteúdos líricos, que lhe garante uma forma singular de fazer poesia monologando e dialogando... Uma forma de poesia dirigida ao leitor, pedindo a sua interveniência, o seu juízo lírico e emocional. No seu poema, raramente o subjetivismo é egoísta. Chama a atenção, pede adesão, mostra, denota, aponta para as coisas. Até é possível ver no seu poema características de um mundo idêntico ao do romancista. Um poema que se enche de personagens. Quando o personagem não é o mesmo poeta, ou a disfarçável mulher amada, é sentimento sob múltiplas faces. De qualquer modo Bandeira não usa a palavra com o sentido cerebral dos poetas chamados arquitetônicos... Isto é, dos artistas que criam um vocabulário especificamente destinado a cultivar formas abstratas da sensibilidade conjugada com o racionalismo. Bandeira vinculou-se estreitamente com a Vida e da vida tira toda a sua matéria de poesia. Não é complexo, pois, segundo o conceito da poesia semanticista, agarrada à palavra como um símbolo destacado de outros contextos. Jamais a sua poesia apresentará desconexões perceptíveis, vagamente, por um esforço cerebral ou pelo entendimento do esoterismo de linguagem que marca tantos modernos artistas da palavra. Associado com o mundo, Bandeira utilizou a linguagem no seu sentido mais natural e contingente de comunicação. O expressivo nêle não é a imagem obscura, nem o termo sem correspondência com o mundo palpável, conhecido, sentido. Sua expressividade é comunicativa, contagiante e experiente. Quando uma ou outra vez "complica" a sua poesia numa emaranhado mais hermético de imagens, numa modificação de estruturas, isto se revela até certo ponto simples formalização. O fato é que basta que se tenha em alta conta o sentimento da sua palavra para entendê-lo. E isto em poesia se não é tudo é, pelo menos, e por fortes razões, o essencial.

## Ramón Menéndez Pidal - Filólogo e Humanista (\*)

PE. ROMEU PERÉA

Distingo com Gregorio Marañon duas formas de patriotismo: o "patriotismo do tempo, dever de filialidade e fidelidade ao tempo em que cada um vive; e, o "patriotismo da Pátria, dever de filialidade e fidelidade à terra em que cada um nasceu e à História própria dessa terra."<sup>(1)</sup>

Foi êste, sem dúvida, o motivo que levou o nobre e querido diretor do nosso Instituto a dirigir-me o convite que, certamente, me honra e distingue, mas, ao mesmo tempo, carrega sobre os meus ombros uma tremenda responsabilidade ante a gigantesca figura do gênio, do sabio, do mestre, em fim, que foi Ramón Menéndez Pidal.

Sendo eu brasileiro *ex vi legis*, nem porisso deixo de ser compatriota do eminente filólogo e humanista pela lei da própria natureza, fôrça esta que de maneira alguma pode ser destruída por aquêla outra.

A verdadeira e suprema raiz do Direito encontra-se na natureza ou, mais precisamente em Deus, como afirma o próprio Cícero.<sup>(2)</sup>

É Deus o creador do Direito natural que não está condicionado pelo tempo, nem pelo espaço, que é o mesmo em Roma que em Atenas, e que por não admitir a dispensa da sua obediência é também universalmente obrigatório.

(\*) Aula inaugural no Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, proferida em 3 de março de 1969. Agradeço ao ilustre diretor do Instituto, professor José Lourenço de Lima, a ocasião que me proporcionou, com o seu convite, de manifestar de público e profundo e sincero respeito que sempre tive por Ramón Menéndez Pidal.

O Direito positivo, em câmbio, é inferior, sujeito às variações do tempo e do espaço e baseado em considerações de oportunidade e conveniência, mais do que na própria razão.<sup>(3)</sup>

Se o Direito — permití-me êste parêntese, para justificar uma atitude — é uma dimensão essencial do homem, enquanto ser necessitado de comunicação e companhia, tôda tentativa de caracterizar o Direito, realmente vivido por um Povo na sua evolução histórica, e, mais ainda, o Pensamento filosófico-jurídico forjado no seu seio, ao longo dos séculos, terá de partir de uma análise da concepção radical do homem, que nessa comunidade se tenha ido formando — do homem visto em si mesmo, nos seus vínculos com as coisas, e na sua re-ligação com Deus.

Sòmente desta tríplice perspectiva será dado compreender a trama jurídica nas suas causas mais profundas.

Como no homem, mesmo o mais rude, late a imagem de Deus, assim também, no Direito, mesmo no mais rudimentário, late a imagem do homem.

E através do homem, a de Deus.

Por isso há sempre no Direito alguma coisa de sacral e divino, de absoluto e eterno, até no mais humilde e simples direito de cada dia.

Alguma coisa que nos impulsa a dizer — num eco do profundo pensamento do poeta latino — que ao jurista nada humano pode resultar alheio; mas — acrescentando com Pedro Lain — que nem sòmente o humano tem de ser suficiente para êle.<sup>(4)</sup>

Ramón Menéndez Pidal ocupou-se, entre outros muitos, nestes últimos anos, em descobrir os Perfís essenciais do Ser e Existir do homem espanhol.

E com Ramón Menéndez Pidal, Gregorio Marañon — que tanto se aprofundou neste estudo — explicando os elementos que integram o verdadeiro conceito de Pátria afirma que esta é para qualquer homem a humanidade que na atualidade povoa a terra que êle tem, ou adotou por sua — é o meu caso: o conjunto concorde ou discorde daquêles que, como “patriotas”, o cercam.<sup>(5)</sup>

Explicada a posição que ocupo entre vós, e justificada a ligação que me une ao País de origem, posso afirmar que não

só me considero compatriota de Menéndez Pidal, como também discípulo — se esta afirmação não vos parece exagerada ambição em meus lábios.

Uma alta categoria mental — como a de Ramón Menéndez Pidal — mede-se, também, pela influência que exerceu naquêles que não foram os seus discípulos, no rigoroso sentido da palavra, mas que se apropriaram da sua doutrina para, inclusive, orientar a sua própria conduta, pois o Mestre desaparecido nos ensinou a todos nós a conhecer e amar a Espanha.<sup>(6)</sup>

E é por isso que ao falecer aos quatorze (14) dias do mês de novembro do ano passado — quatro meses antes de completar um século de vida — não foram só as autoridades eclesiásticas, a frente o Arcebispo de Madrid — Alcalá, Dr. Morcillo, e as autoridades civís, inclusive o Chefe do Estado, representado pelo Ministro da Educação e Ciência, Sr. Villar Palasi, e as autoridades militares, em fim, como escritores, artistas e, sobretudo, jovens, muitos jovens universitários que viam nele o Patriarca das Letras Espanholas, e um dos maiores investigadores do mundo — o maior dos investigadores literários do mundo moderno, como noticiava o A B C, de Madrid, na sua edição semanal aérea de 21 de novembro de 1968.

“Um caso único na história da cultura universal”, como, com tôda a sua autoridade, afirmava Guillermo Diaz Plaja no mesmo semanário.

Nasceu Ramón Menéndez Pidal na Corunha, (de família asturiana), no dia 13 de março de 1869.

Estudou na Universidade de Madrid e na de Toulouse, obtendo a cadeira de Filologia Românica em 1899, na primeira das duas Universidades mencionadas.

Em 1904 foi nomeado Comissário do Rei da Espanha para estudar em Quito e Lima os documentos referentes à questão de fronteiras entre Equador e Peru devendo-se à sua intervenção o Convênio que evitou uma guerra entre os dois países.

Em 1907 foi nomeado Vogal da Junta de Ampliação de Estudos, e em 1913 Conselheiro de Instrução Pública.

Em 1914 inaugurou na República Argentina a Cátedra que a Instituição Cultural Espanhola havia fundado, dando nesta ocasião um Curso sôbre Menéndez Pelayo, seu Mestre que

contribuiu grandemente para a sua formação levando-o a dar uma qualidade literária à exposição da sua obra científica, e um sentido nacional amplo ao seu labor de especialista, sendo verdadeiramente apaixonante seguir esta evolução através de toda a sua produção gigantesca.

Ramón Menéndez Pidal dirigiu durante muitos anos a Revista de Filologia Espanhola e o Centro de Estudos Históricos, sendo também Vice-Presidente da Junta de Ampliação de Estudos.

Presidiu o Ateneu de Madrid de 1919 a 1921, sendo em 1928 eleito Presidente da Sociedade de Lingüística Românica.

A Universidade de Madrid prestou-lhe uma grande homenagem no dia 6 de novembro de 1951 traçando naquele ato um magnífico perfil de Menéndez Pidal, o atual Presidente da Academia, Dámaso Alonso.

Em dezembro desse mesmo ano foi inaugurado em Nápoles o Instituto Espanhol de Cultura estando a conferência inaugural a cargo do sábio espanhol que dissertou sobre "Os Reis Católicos em Maquiavel e Castiglione".

Aproveitando aquela viagem, verdadeiramente triunfal, foi recebido clamorosamente pelos meios culturais italianos, recebendo, em Roma, a homenagem da Universidade Italiana que o proclamou "Mestre de Romanistas".

A Academia Nacional do Liceu de Itália concedeu-lhe o Prêmio Feltrinelli, que lhe entregou em Roma, em 1952, o próprio Presidente da República, Einaudi.

O Prêmio foi conseguido em competência com o novelista alemão Thomas Mann, o que realça mais, e coloca mais em evidência, o seu valor e mérito.

Nôvo Prêmio, em 1956, de Literatura, da Fundação March, abrindo mão da sua importância em benefício da criação de um Seminário de investigação.

Os Prêmios e as distinções vão multiplicando-se assim até o fim da sua vida fecunda e gloriosa.

Em abril de 1964 recebe a Medalha de ouro da Vila de Madrid.

Em fevereiro de 1965, o Prêmio da Fundação Balzan.

Ainda em maio deste mesmo ano (1965) lhe é imposta a

Medalha de Ouro ao Mérito no Trabalho, e em dezembro deste ano ainda, com 96 anos, é novamente reeleito Diretor da Real Academia Espanhola.

Um ano antes de morrer, em novembro de 1967, é nomeado Doutor "Honoris Causa" pela Universidade de Lieja.

Em 14 de novembro, em fim, de 1968, uma quinta feira precisamente, tendo experimentado uma recaída no seu delicado estado de saúde, entregou, em plena lucidez de suas faculdades mentais, e cercado de seus familiares, a sua grande alma a Deus...<sup>(7)</sup>

Perdoai-me se demorei um pouco na vida fecunda deste grande homem, pois a sua é uma biografia que carece de valores literários sendo êle antes de tudo "um homem de ciência" que andou pelo mundo perseguindo materiais para as suas investigações históricas e filológicas, constituindo-se por mérito e direito em Pai da Filologia Romântica, em todo orbe hispânico.

A importância tremenda de Ramón Menéndez Pidal como investigador é que galvanizou todo o Medio Evo espanhol, que era completamente desconhecido.

Menéndez Pelayo, seu Mestre, foi genial e extraordinário nas suas investigações, mas abrangeu demasiado, talvez.

Menéndez Pidal limitou-se, e se restringiu, com uma técnica mais científica, a estudar o Médio Evo espanhol, a Idade Média Espanhola.

Daí os estudos que fez — estudos extraordinários — começando pelo texto, na primeira Crônica Geral.

Depois continuou com os estudos sobre El Cid e toda a sua época, chegando a fazer os estudos da Poesia sobre o Romancero.

Neste sentido é incalculável o valor de tudo quanto descobriu Menéndez Pidal...

Pode-se afirmar, sem exagero, escreve Dámaso Alonso, que depois dêle, em matéria de Historiografia medieval, em língua castelhana, estamos em outra era e quase que em outro mundo que o século XIX não pode suspeitar.

Depois, na sua velhice, fez estudos mais modernos e mais atuais, mas a sua importância, sobretudo, é esta: a de ter galvanizado o Médio Evo espanhol, a Idade Média espanhola, e

a de ter buscado tôdas as origens de poesia espanhola e do Romanceiro.

Perdemos, conclui dizendo Dámaso Alonso, o maior investigador que teve Espanha, literariamente, em todos os séculos.<sup>(8)</sup>

O investigador abriu a estrada, larga e espaçosa, ao escritor que Ramón Menéndez Pidal haveria de ser durante tôda a sua longa vida — vida durante a qual teve o segrêdo da sua gigantesca tarefa.

Ele — escreve José Maria Pemán — contava sempre com um “depois”, e um “mais adeante”. Trabalhava ajustando-se a esta máxima que lhe ouvi várias vêzes: “Não há jovem que não possa morrer ao dia seguinte, nem velho que não possa viver mais um ano”.

Ele era a paciência em pé.

Dizer, agora que morreu, “descanse em paz” é quase que repetir a fórmula da sua vida, porque o seu trabalho foi como um modo de descansar na sua máxima vocação e no seu tesouro.

A paz esteve sempre firmada entre ele e a Verdade, e o Amor à Epanha.<sup>(9)</sup>

Em 1895 publica o jovem doutor em Filosofia e Letras — título que obteve aos vinte e três anos, com as máximas honras — o seu primeiro estudo na Revista “Critica de Historia y Literatura Españolas”.

Intitulava-se “Las glosas silenses de Oriebesch”, e nesse mesmo ano, e na mesma Revista, aparece o seu segundo trabalho, um estudo sôbre o dialeto judeu-espanhol.

Em 1896 aparece “La leyenda de los Infantes de Lara”, obra que lhe valeu o Prêmio Caballero, da Academia de Historia.

Por aquêlo tempo começa a explicar uma cadeira de Filologia, nos Cursos de Estudos Superiores do Ateneu de Madrid, trabalho em que persevera até 1899.

Um ano antes, 1898, aparecem as Cronicas Generales de España” seguidas del “Poema de Cid”, e em 1903, “La Leyenda del Abad de Montemayor”.

1904, é o ano da aparição do seu Manual de Gramática Histórica Española”.

Em 1906, em Cultura Española” publica um importante

estudo sôbre as origens de “El convidado de Piedra”, e posteriormente, em 1908, vê a luz o primeiro tomo de uma das suas mais importantes Obras — o “Cantar del Mio Cid” com três apêndices; um para o texto, outro para a gramática, e o terceiro para o vocabulário.

Em 1913 o tema cidiano, perene nos trabalhos de Ramón Menéndez Pidal, volta a aparecer.

Na Revista “Libros” publica um ensaio “El Poema del Cid — valor artistico del Poema”, completando em 1921 a encarnadura literária e mítica de Rodrigo Díaz de Vivar, ao dar à imprensa o seu trabalho “El Cid en la História”.<sup>(10)</sup>

A personalidade de Ramón Menéndez Pidal fica desta maneira suficientemente assentada no panorama da investigação literária espanhola.

Os anos não irão senão enriquecendo a sua bibliografia, abordando novos dados, alumando novas fontes, novos mananciais da cultura espanhola entre a poeira dos livros sob o olhar sempre atento de uns olhos que contemplaram quase que um século de história de Espanha.

Ramón Menéndez Pidal escreveu mais de quinhentos livros, ou ensaios, entre os quais figuram, para só citar alguns, a fim de não cansar a vossa atenção, os três últimos publicados depois de seus noventa anos — “La chanson de Roland y el Neotradicionalismo”, “El Compromiso de Caspe” e “El Padre Las Casas, su doble personalidad”.

Entre o primeiro e o último dêsses quinhentos livros, Ramón Menéndez Pidal, “o mais velho dos nossos grandes velhos” como o chama Julián Marias, nunca perdeu aquelas qualidades que o seu grande Mestre, Menéndez Pelayo, assinalava nêle, no discurso com que o recebeu na Real Academia Espanhola — a de ser “um trabalhador infatigável, um afortunado investigador (...) um lingüista e um crítico educado com todo o rigor do método histórico, capaz de aplicar êsse método a qualquer ramo da ciência literária com originalidade, com sábio atrevimento, com discreta prudência”.<sup>(11)</sup>

Foi Menéndez Pelayo quem o recebeu na Academia para a qual fôra eleito no dia 21 de março de 1901, lendo o seu discurso de posse em 19 de outubro de 1902 sôbre “Las Fuentes

del Condenado por desconfiado” de Tirso de Molina, a que Menéndez Pelayo respondeu com outro, também magnífico, sobre “La Primitiva Poesia Heróica”.

Neste discurso finalizou Menéndez Pelayo os elogios justos e merecidos ao seu antigo aluno com palavras que a esta altura podemos considerar proféticas; “O Sr. Menendez Pidal, dizia êle, livrou-se até agora e mercê de seu método e de seu caráter livrar-se-á sempre de escrever nenhuma palavra ociosa, de sacrificar à retórica aquilo que à verdade se deve, de proceder com aproximações e não por visão real e sincera da questão que se estuda, de afirmar temerariamente quando se deve duvidar, de abster-se timidamente quando se deve afirmar.

Une à valentia de pensamento e à sábia moderação de estilo, o mais exagerado escrúpulo da exatidão, e o desinterêsse científico mais absoluto, que de modo algum há-de confundir-se com a indiferença, pois sem particular vocação, sem amor entranhável ao assunto, sem o fervoroso amor de pátria que é o gênio latente de tôdas estas emprêsas, quem ía impor-se, na idade mais florescente da vida, trabalhos tão árduos, tão pertinazes, tão duros, tão pouco amenos que bastariam para quebrantar uma organização de ferro a não sustentá-la aquêle sobrenatural poder que proporciona sábiamente os meios aos fins e nunca desampara ao artífice de uma obra honrada até que a vê dignamente cumprida?”<sup>(12)</sup>

Foi sempre êste o sentido e o estilo de Menéndez Pidal, como pode verificar-se lendo a primeira página de seu primeiro livro e a última de seu último — o primeiro escrito aos 27 ainos, e o último pouco antes de completar os... cem, quase.

Aquêle primeiro livro foi saudado por Menéndez Pelayo “com júbilo e com profundo respeito” como “livro magistral”, a segunda pedra colocada nos alicerces da história da nossa épica, contando como primeira o memorável tratado “De la poesia heróico popular castellana “com que em 1874 abriu Milá y Fontanals o período científico para êstes estudos”.<sup>(13)</sup>

“Em poucos anos e com publicações à primeira vista fragmentárias e isoladas, acrescenta Menéndez Pelayo ainda no discurso — resposta ao de ingresso na Academia de Ramón Menéndez Pidal — transformou o aspecto da Idade Espanhola, feriu

e penetrou dificuldades e problemas que se não suspeitavam antes dêle, começou a ressuscitar um mundo épico, combinou e soldou formas de arte que até então apareciam desligadas, deu luz ao cáos da nossa primitiva historiografia e ao das origens poéticas, e submeteu a severo e escrupuloso exame lexicográfico, gramatical e histórico os mais antigos e veneráveis monumentos da fala castelhana”.<sup>(14)</sup>

Uma cátedra, conseguida “em público e honroso concurso” e uma cadeira que passou a ser ocupada “pelo mais jovem dos cultivadores de filologia e da erudição literária” foram os prêmios, entre outros, que mereceram os seus grandes serviços.

Como catedrático, “Dom Ramón foi o mestre indiscutível e indiscutido. Mestre, em primeiro lugar, pela exemplaridade magnífica da sua entrega total à nobre tarefa que se impôs ao longo de setenta anos. Mestre, porque nos ensinou a trabalhar com rigor científico, tanto na preparação dos textos, como na manipulação dos dados. Mestre, enfim, porque nos legou uma doutrina de eficiência e coerência.(...) Menéndez Pidal foi por razões cronológicas e por razões espirituais, um filho da Espanha da Restauração. Daí a sua preocupação pela missão ordenadora de Castilha, personificada na figura de Mío Cid, em tórno à unidade peninsular, e a sua tarefa ingente em ordem à transcendência da historiografia medieval, como construtora de uma consciência coletiva, tal como aparece já em “Loor de España” de Afonso X, o sábio.

Tôda a sua construção histórica deriva desta clara fonte, e quanto investigou em tórno à Espanha dos Reis Católicos, e dos Austrias, na sua peripécia exterior e na sua consciência lingüística tem o mesmo sentido de coerência.

Mas o fenômeno mais curioso que oferece em conjunto a ingente tarefa menendezpidalina é o que permite assinalar nela um constante processo de rejuvenescimento.

Se a sua juventude foi calma, rigorosa e erudita à medida que passavam os anos crescia o seu sentido militante e polémico, até o ponto de dar-nos na flor de seus noventa anos livros tão assombrosamente combatidos como os dedicados à “Chanson de Roland”, ao “Compromiso de Caspe”, ou ao “Padre Las Casas”.<sup>(15)</sup>

E como o catedrático, o acadêmico, durante sessenta e seis anos, sendo 35 dêles diretor da própria Academia, para a qual foi eleito a 21 de março de 1901, tomando posse em 19 de outubro de 1902, como ficou noticiado anteriormente.

Ocupou a vaga que deixara na cadeira "B" Don Victor Balaguer.

O primeiro ocupante desta cadeira tinha sido Don Joaquín Francisco Pacheco, a quem sucedeu Don José Selgas.

Antes de chegar à Academia, Menéndez Pidal tinha sido premiado por ela, em 1895, pelo "Cantar de Mío Cid, texto, gramática e vocabulário."

Quando Ramón Menéndez Pidal tomou posse era diretor da Academia Don Juan de la Pezuela, Conde de Cheste.

Eleito êle diretor, em 1925, em substituição a Don Antônio Maura, foi mantido por sucessivas reeleições até 1936, e depois até a sua morte.

Mais de duas mil quinhentas sessões na Academia presidiu Ramón Menéndez Pidal em tórno à célebre mesa elíptica que havia construído Don Juan de Arzenbusch, que fôra marceneiro.

Don Ramón, informa José Maria Pemán, chegava à Academia, cada quinta-feira, quinze minutos antes de começar a sessão (como fazem os nossos acadêmicos!!) e aproveitava assim um quarto de hora da costumeira conversa prévia.

Nunca se sentava. Permanecia em pé todo o quarto de hora e os acadêmicos se congregavam ao seu redor como êsses moinhos e círculos juncosos que nascem nos rios em tórno das árvores.<sup>(16)</sup>

Como se vê Don Ramón não era só inteligência e coração, mas conduta que atraía e edificava, e foi isto, como de Gregório Maraño escreve Lain Entralgo, a sua pessoal maneira, o homem, definidor de deveres, e exato cumpridor dêles na sua quotidiana existência.<sup>(17)</sup>

Acabava de publicar Menéndez Pidal seu livro sôbre "El Padres Las Casas".(...)

Não faz muito anos disto e, entretanto, o Mestre ainda subia e descia as escadas interiores da casa com qualquer motivo e, mesmo, sem motivo, muitas vêzes.(...) Estava sempre

dono de si, com a gravata e sapatos bem arrumados. Era um elegante da erudição. Nunca se apresentou como o sábio distraído.(...) Do gabinete forrado de livros, num clima de madeiras claras e ordenadas erudições, don Ramón se levantava de repente porque estava na hora de dar o seu passeio pelo jardim selvagem que cerca o seu chalé dentro do muro. Era comovedor vê-lo tomar um longo abrigo, chapéu e luvas para descer alí mesmo, ao jardim, como se fôsse a Estocolmo receber o Prêmio Nobel, que nunca lhe deram.<sup>(18)</sup>

Injustiça que o próprio Juan Ramón Jimenez foi o primeiro a lamentar quando recebeu o seu, em 1956. "É uma pena, respondeu a um questionário, que a Academia Suéca deixasse morrer Unamuno, Machado e Ortega, sem conceder-lhe o Prêmio. Porque dos vivos, para quem o merece, ainda há remédio. Por que não a Pio Baroja, por que não a Menéndez Pidal?"<sup>(91)</sup>

Menéndez Pidal, porém, que sabia que o mérito está muitas vêzes acima do prêmio, e sabia também que não está em conseguir mas em merecer, pouco ou nada se preocupava com isso.

Com o que êle sempre se preocupou, até o derradeiro momento da sua vida, que Deus lhe concedeu fôsse na plenitude de suas faculdades mentais, foi com o duplo imperativo a que da sua heróica juventude obedecia como se fôsse o grito da própria consciência — o imperativo de conhecimento e amor de perfeição.

Quaesivi Te, et desideravi  
intellectu videre quod cardidi,  
multum disputavi et laboravi.

Te procurei sempre, Senhor,  
e sempre ambicionei ver com o entendimento  
aquilo que pela fé, livremente, aceitei.  
Por isso discuti e fiz esforço.

Era como o "eterno despertar" a que êle se referiu quando por motivo de seu nonagésimo aniversário recebia felicitações de tôdas as partes.

“Sonhemos e trabalhemos, dando ao nosso esforço um sentido acima do tempo presente, voltados para o tempo que não terá fim.” — onde conseguiremos, acrescento eu, para terminar, a plenitude da inteligência junto da fonte sem impureza, que jorra sem parar.

Foi êste o pesquisador paciente, o escritor fecundo, o catedrático consciente, o acadêmico responsável, o homem, enfim, inteligência e coração, coração e vida nobre e generosamente consagrada ao serviço da cultura, ao amor da Pátria, ao bem da Humanidade.

## BIBLIOGRAFIA

- 1) Laín Entralgo, El Patriotismo de Gregorio Marañón, Estafeta Literaria, N.º 391 — dedicado a Menéndez Pidal.
- 2) José Santa Cruz, Rev. de Estudios Políticos. N.º 139, Enero-Febrero (1958), págs. 155 e ss.
- 3) Ibid.
- 4) Joaquín Ruíz-Jimenez, Del Ser de España, Aguilar, Madrid, 1963, págs. 7 e ss.
- 5) Laín Entralgo, l. c.
- 6) Manuel Halcón, A B C, de Madrid, Edic. Sem. Aerea, 21/IX/1968, N.º dedicado a Menéndez Pidal.
- 7) Ibid.
- 8) Juan Antônio Zunzunegui, A B C., Edic. cit.
- 9) A B C, N.º cit.
- 10) Ibid.
- 11) Menéndez Pelayo, Obras Completas, Estudios y Discursos de Crítica Histórica y Literaria, Vol. I, págs. 119 e ss.
- 12) — Ibid. págs. 143 e ss. (La primitiva Poesia Heróica)
- 13) Ibid. (La Leyenda de los Infantes de Lara).
- 14) Ibid.
- 15) Guillermo Díaz Plaja, Estafeta Literaria, N.º cit.
- 16) Estafeta Literaria, N.º cit.
- 17) Laín Entralgo, l. c.
- 18) Francisco Umbral, Estafeta Literaria, N.º cit.
- 19) Juan Ramón Jimenez, Libros de Poesia, Colec. Nobel, Aguilar, Madrid, p. VIII.
- 20) S. Aug. De Trinitate, Lib. XV, cap. 28.

— III —

## Novas Tendências do Romance e da Poesia Alemães

CURT MEYER-CLASON

“Quanto ao romance, êle agora é que está nascendo no mundo. Agora é que vai nascer, melhor dizendo. O ponto de partida pode ser Thomas Mann ou o Dr. Fausto. Aqui no Brasil mesmo estamos às voltas com grandes autores que procuram dar a dimensão exata do romance. Trata-se de uma técnica muito difícil.” Esta confiança com que João Guimarães Rosa falava o ano retrazado, pouco antes da sua morte, gostaria de tomá-la como provocação para as reflexões que hoje vamos fazer e de perguntar: Pode o romance de hoje ainda ser medido pela bitola de Thomas Mann e Proust, de Musil ou Joyce? São, em suma, estes grandes antepassados ainda os pais legítimos dos seus descendentes, os autores atuais? Eu falo da Europa ou, mais limitada e exatamente, da Alemanha contemporânea. E, fazendo-o, deixo conscientemente fora da questão a obra monumental de João Guimarães Rosa. Porque nele o experimentado organiza-se em significação, a matéria transforma-se em mundo. Com isso mal podemos medir o que hoje se escreve entre nós. E daí a razão por que é também hoje, entre nós, difícil de dizer o que é o romance. E pouco nos adianta lermos no Georg Lucaks dos primeiros tempos que o romance é “a epopéia do mundo abandonado de Deus” ou “a forma de estado de apátrida transcendental” ou quando Butor diz que o romance é “qualquer coisa mediante a qual a